

LUZES DA CIDADE

Stefany Sohn Stettler

EXISTÊNCIA ASSISTIDA

I

O ano era 2037. O mundo julgava já ter visto as piores epidemias e pandemias concebíveis, afinal estávamos há quase 20 anos sendo acometidos por doença após doença, após crise sanitária, após crise econômica. Quando as coisas começaram a mudar, em 2020, todos pensavam que seria algo passageiro. “Dou três meses para essa praga ir embora”, disse Dona Maria, através do muro vazado que nos dividia.

A tecnologia precisou se adaptar para a nova realidade forçada pelas pandemias. O governo, em 2027, aprovou uma lei obrigando todos os proprietários de imóveis a instalarem geradores de energia e placas solares em suas casas. Mais tarde, cada indivíduo deveria ter um drone pessoal, chipado com seus registros governamentais. Os serviços essenciais foram automatizados. Os supermercados, farmácias, hospitais e escolas foram equipados com robôs e drones. O transporte público e a frota de carros urbana foram gradualmente desaparecendo. O comércio de incineradores de lixo domésticos foi o mais lucrativo em 2026.

Os governantes, como sempre, não consideraram as aplicabilidades destas novas políticas nas periferias das cidades, que aos poucos, perderam o fornecimento de energia, saneamento, saúde e educação. Sei disso apenas porque morava em uma dessas regiões. O confinamento doméstico virou um símbolo de status e a ignorância quanto às questões sociais se seguiu. Nas redes sociais, cada vez mais as pessoas falavam de si mesmas e cada vez menos sobre a situação coletiva.

Eu perdi meu emprego como entregador de aplicativo em 2030, quando as empresas nos substituíram por entregas aéreas, via drones. Eles eram mais rápidos, menos sujeitos ao erro e aos acidentes e não precisavam de salários. Quando isto aconteceu, meu tio esbravejou que as doenças, que ele dizia que eram criadas em laboratório,

EXISTÊNCIA ASSISTIDA

eram um plano da Nova Ordem Mundial para enriquecer as empresas. Eu duvidei na época, mas vez ou outra, ainda me pegava pensando sobre esta teoria.

Assim, as periferias viraram um novo ecossistema, à parte das regiões urbanas centrais. Voltamos a usar as ferramentas dos nossos bisavôs: banha de porco para fazer luz, compostagem de dejetos, banho no riacho poluído que atravessava nossa comunidade. Cada casa tinha seu próprio galinheiro e nossa comida era apenas ovos e o que mais conseguíssemos cultivar.

Mesmo vulneráveis às pandemias que se seguiam uma após a outra, continuamos nossa vida. Não tínhamos outra escolha. As pessoas morriam em suas próprias casas e eram enterradas ou cremadas pela própria comunidade, que contava com a sorte para evitar o contágio e sobreviver. Aos poucos, a população foi sendo reduzida e se aquecendo, centradas nas hortas e depósitos comunitários.

Meu próximo emprego – bem, não mais um emprego, mas uma atividade – foi cuidar da horta comunitária próxima de casa. A vida, apesar das mudanças, seguia pacífica. Criei vínculos com a comunidade, que antes mal conhecia devido ao meu emprego anterior. Conhecia por nome as pessoas que passavam e cada nova história que me contavam era encantadora. No dia que aconteceu, eu acordei antes do sol, como de costume. Preparei a minha refeição de maneira precária, mas com destreza. O silêncio, nesse horário, era absoluto, atravessado apenas pelo tilintar dos utensílios. Normalmente, quando o sol começava a clarear na janela, me aprontava para sair. Mas o sol não saiu naquele dia. “Estranho”, eu pensei, considerando a possibilidade de um dia nublado, “ontem mesmo o céu estava limpo”.

Pensei que deveria ter acordado mais cedo do que imaginava e resolvi esperar, adiantando algumas tarefas da casa. Fiz uma lista mental do que deveria fazer na horta naquele dia. As cenouras já deveriam estar prontas. Se o dia estivesse nublado como pensei, poderia retirar a pro-

EXISTÊNCIA ASSISTIDA

teção dos tomates. Talvez as beterrabas precisassem de mais irrigação, elas pareciam murchas no dia anterior. A Dona Vanda comentou que hora iria buscar algumas alfaces e rúculas para ela e suas vizinhas.

Um som distante cortou meus pensamentos. Um som que não ouvia há pelo menos 5 anos, quando minha moto foi encostada, inutilizada, nos fundos da minha casa. Eu nem sabia que ainda era permitido ter automóveis. Não sabia que ainda havia estradas. Olhei pela janela e não foi difícil adaptar minha visão na escuridão, já que minha cozinha era iluminada apenas por uma pequena lamparina. O barulho familiar vinha de um drone a poucos metros da minha casa. Eu já tinha visto um drone, é claro, mas nada como esse. Era maior e parecia mais complexo, embora eu não soubesse definir o porquê.

II

A luz emitida pelo drone me localizou e eu a fiquei encarando, intrigado. Depois de algum tempo, segundos ou minutos, não sei dizer, uma voz robótica ecoou, muito mais alta do que achei que fosse possível. Parecia que este não era o único drone na comunidade, mas que vários distribuídos pela região sincronizavam a mesma mensagem.

“ATENÇÃO: De acordo com o decreto emergencial federal número 9578 de 2037, nenhum indivíduo pode deixar sua residência. Repito: nenhum indivíduo deve deixar sua residência. Aqueles localizados em áreas abertas estarão sujeitos a extermínio imediato. Repito: extermínio imediato”.

Silêncio. Eu demorei alguns minutos para processar a informação. Pensei primeiro na horta, depois nas minhas próprias provisões. Depois, no estranho desaparecimento do sol. Será que estes eventos estavam conectados? Era a única explicação. Momentos depois ouvi um homem gritando e seus ecos denunciavam que não estava muito longe. Um estampido agudo. Silêncio. Meu sangue esfriou

EXISTENCIA ASSISTIDA

e um calafrio subiu pela minha espinha. Mais um grito desesperado, dessa vez feminino, e um choro alto. Mais um estampido. Silêncio. Nada se seguiu, mas os drones continuavam a postos. Encarei-os por um tempo que não consigo medir. Minutos, horas. O sol ainda não dava sinais.

Como sobreviveríamos sem poder sair de casa? Minhas provisões não eram muitas, meu galinheiro ficava no fundo do quintal. Como iria compostar meus dejetos? Apaguei a lamparina, pois não sabia quanto combustível ainda tinha e fiquei no escuro cortado pela luz do drone que me seguia pela janela. Talvez não fosse o melhor momento, mas lembrei da garrafa de maria louca presenteada pelo Seu Valdir, que a produzia com os restos orgânicos fornecidos pela comunidade. Tateei o armário buscando no escuro. A pouca iluminação fornecida pelo drone e a escassez do meu armário de comida facilitaram.

Abri a garrafa e tomei um gole, em pé mesmo, na frente do armário. O líquido desceu queimando e tive ânsia. Eles não poderiam simplesmente nos confinar sem explicações. Por que ainda estava escuro? Por que não podíamos sair? Por que exterminar? Pensei no que meu tio me disse anos atrás. Não éramos mais lucrativos. Não precisavam da nossa mão de obra ou do nosso consumo. Nos trancar em casa era parte de um plano de higienização? As epidemias, afinal, agora só atingiam nossas comunidades, em pouco tempo seríamos exterminados de qualquer forma. Não. Algo novo ameaçava a manutenção dos centros urbanos.

Não demorou muito para começarem a atacar os drones, que continuavam imóveis do lado de fora. De dentro de casa, eu só ouvia os barulhos. Vidros se quebrando, alguns clarões de luz, objetos caindo no chão. Zumbidos de hélices emperradas, estampidos altos, gritos. Soube mais tarde que o Seu Mário, um velho pescador, atirou suas antigas redes de pesca em um dos drones. O Tortuga tentou atirar com sua pistola nos objetos voadores. Outros tentaram se livrar dos drones com coquetéis molotov. Não

EXISTÊNCIA ASSISTIDA

adiantava muito. Assim que um drone era abatido, logo outro surgia para tomar seu lugar.

Então, tentaram despistar os drones por tempo suficiente para poderem se comunicar. Pelas janelas, os vizinhos sincronizavam a ação: enquanto um jogava um objeto o mais longe possível para que o drone fosse desviado, o outro poderia sair até o vizinho para dividir provisões ou informações, ou até o galinheiro para colher ovos. Assim, as notícias e teorias começaram a se espalhar.

Conseguimos, com muito esforço, papel e algumas canetas com o Seu Arnaldo, que costumava ter uma papelaria. Por meio de um varal instalado entre a minha casa e a de Dona Maria, transmitíamos informações e transportávamos alimentos. Uma rede de cooperação se criou.

III

O velho Maurício, dono de um ferro velho, tinha um rádio militar estragado e se empenhou, assim que a nova situação se instaurou, a conseguir as peças e materiais necessários para arrumá-lo. A lentidão das comunicações e transportes prolongou seu trabalho por um longo tempo. Não sabíamos se as comunicações via rádio ainda existiam ou se iríamos conseguir energia elétrica por tempo suficiente para conseguir informações. Não sabíamos nem se o rádio iria funcionar. Quando se está numa situação assim, as pessoas se agarram em qualquer oportunidade de esperança.

Enquanto Seu Maurício consertava o rádio, Seu Geraldo tentava fazer funcionar um velho gerador que tinha com uns poucos litros de gasolina que conseguimos juntar. A comida estava escassa para todos e o pouco que tínhamos, compartilhávamos. A escuridão, aliada à falta de informações, nos deixava cada dia mais deprimidos.

No dia que Seu Maurício conseguiu consertar o rádio, a comunidade se uniu da forma que conseguiu para despistar os drones de maneira sincronizada, por tempo su-

EXISTENCIA ASSISTIDA

ficiente para que Geraldo e Maurício conseguissem unir seus esforços. O rádio, finalmente, foi ligado. Demorou mais algumas semanas, no entanto, para que alguma informação fosse obtida. Com o combustível escasso, não era possível manter o rádio ligado sempre, e Maurício o ligava por apenas alguns minutos, duas vezes por dia.

A primeira informação que obtive, através do varal que unia eu e Dona Maria, foi que o sol não havia desaparecido. Ele ainda estava lá, mas uma fumaça preta e densa havia coberto os céus, bloqueando a luz solar. Essa informação, no entanto, só gerou mais dúvidas. A fumaça era tóxica e por isso não podíamos sair? Era mais uma epidemia? Os governantes nunca se importaram com a nossa contaminação, por que agora estavam nos protegendo?

Depois, descobrimos de onde vinha a fumaça. O governo, por acreditar que as epidemias eram causadas por mutações de doenças que antes só acometiam animais, elaborou a extinção de todos os animais e florestas. A fumaça escura e densa que bloqueava o sol vinha de todos esses ecossistemas que foram incendiados. Isso ainda não explicava porque não podíamos sair de casa.

Algum tempo depois, correu uma nova informação. As primeiras comunidades atingidas pela fumaça desenvolveram uma doença. Dona Maria não soube explicar muito bem no bilhete que me passou, mas as pessoas que ficavam doentes começaram a apodrecer e perder a fala, começaram a desenvolver gosto por carne humana e atacar seus vizinhos. Logo, vilas inteiras se infectaram. Mas os doentes não morriam. Pelo contrário, parecia que desenvolviam uma necessidade menor de sono, alimento comum e descanso. Era alguma coisa na fumaça. A rede de rádio à qual Seu Maurício tinha acesso era clandestina e precária. As informações que ele obtinha vinham quase sempre de pessoas dos centros urbanos que ainda consumiam notícias. Aparentemente, o plano de destruição das florestas os preocuparam o suficiente para se importarem conosco. Mais tarde, descobri que era apenas uma preo-

EXISTÊNCIA ASSISTIDA

cupação com elas mesmas. Eventualmente, o pessoal da cidade conseguia traficar algumas provisões para nós, mas não era o suficiente para todos.

O reconhecimento do perigo que corríamos com esta nova doença não nos preocupou muito. Havíamos sobrevivido tantas outras doenças e achamos que mais uma seria só mais uma. No entanto, os drones continuavam lá. Iríamos todos morrer de fome, sede ou acidente, de qualquer forma. Não fazia sentido. Seu Maurício então recebeu um sinal de rádio que correu mais rápido pela comunidade que todas as informações anteriores. Um dos correspondentes urbanos pediu socorro. Por que pediria socorro para nós? O que nós poderíamos fazer? Seu Maurício perguntou o que estava acontecendo, mas não obteve resposta.

Os centros, herméticos e automatizados, estavam em perigo? Com certeza, não tinha relação com a fumaça, não podia ter. Todos os sistemas de ar eram filtrados, ninguém saía na rua. Estavam todos confinados e protegidos por paredes e robôs.

IV

Eu estava deitado em minha cama puída na completa escuridão, elaborando teorias sobre a fumaça, o pedido de socorro, os drones. Delirando, talvez, pela desidratação ou fome. Ou até mesmo pela solidão. Sem dia e sem noite, sem relógio e sem distração é difícil manter a sanidade. Senti uma pontada de tristeza pela horta comunitária, que agora deveria estar completamente morta, pela falta de luz solar e de cuidado.

Estava silencioso. Depois de sabe-se lá quanto tempo, o zumbido dos drones já fazia parte do silêncio padrão. Mas então, dei-me conta de que tudo estava mais quieto. Ao longe, escutei gritos exaltados. Esperei o estampido dos drones que normalmente se seguiam, mas ele não aconteceu. O grito parecia estar se aproximando? Era

EXISTENCIA ASSISTIDA

incompreensível o que a voz dizia, mas parecia anunciar algo. Levantei e fui até a janela. Demorou um tempo para que algo entrasse no meu campo auditivo e visual. Era Dona Vanda, correndo o mais rápido que seu corpóreo podia, gritando a plenos pulmões que os drones haviam ido embora. Encarei o ponto onde o meu vigia eletrônico ficava e não havia nada lá. Estranhamente, isso me preocupou mais do que me tranquilizou. Teria algo a ver com o pedido de socorro que Seu Maurício havia ouvido pelo rádio? Olhei novamente para a figura de Dona Vanda, que parecia ter corrido a comunidade inteira para avisar que estávamos livres. Passou correndo pela minha porta, ainda gritando e eu a acompanhei com o olhar até o fim da rua, onde ela parou de correr e gritar, ficou quieta por um segundo e desabou no chão.

Fiquei paralisado. Seria seguro sair para ajudá-la? Será que os drones soltariam? Será que estava doente? Ninguém sabia mais sobre a doença nem sobre o tempo de exposição necessário para ficar doente. Ela desmaiou de exaustão por correr e gritar pela vila toda? Antes que eu pudesse tomar uma decisão, Seu Valdir saiu de casa para socorrê-la. Ele a recolheu para dentro com dificuldade e a rede de transmissão comunitária entrou em funcionamento. Do pouco que tínhamos, mandamos água, sal e banha para a lamparina.

Tudo silenciou novamente e não tivemos notícias de Dona Vanda por um tempo. Ninguém arriscava sair de casa, com medo da doença ou da volta dos drones. Eu estava cheio de perguntas e vazio de respostas. Nada fazia sentido. Algo importante no centro devia ter acontecido para que nós deixássemos de ser uma ameaça prioritária.

Absorto em pensamentos, voltei a deitar e devo ter cochilado por alguns minutos. Ou horas. Acordei com um grito aterrorizante e pulei da cama. Sem as luzes dos drones, minha visão acostুমou rápido. Corri para a janela a tempo de ver Seu Valdir sair cambaleando de sua casa apertando seu pescoço com as duas mãos tentando es-

EXISTÊNCIA ASSISTIDA

tancar o sangue que jorrava pelas frestas dos seus dedos.

Tropeçou e caiu, mas continuou se arrastando freneticamente para fora da casa. Dona Vanda vinha logo atrás, a passos lentos e meio trôpegos. De longe, não era possível identificar detalhes do seu rosto, mas havia algo na maneira que andava. Algo não familiar. A mulher logo alcançou Seu Valdir, que se arrastava com dificuldade. Ela se jogou em cima do homem e logo, mais gritos cortaram o ar. Seu Arnaldo, o antigo dono de papelaria, abriu sua porta agressivamente e apontou sua espingarda para os dois corpos lutando no chão, porém, um tiro a essa distância poderia atingir a vítima. Foi chegando mais perto, com cuidado.

A mulher percebeu a aproximação e desviou de Seu Valdir, que agora estava desmaiado no chão. Levantou e começou a caminhar em direção a Arnaldo, que carregou e disparou uma bala em seu peito. Vanda cambaleou para trás, olhou para o furo em seu peito e encarou o homem. Um segundo tiro atingiu seu ventre. Com uma atitude feroz, atípica para Dona Vanda, ela caminhou novamente em direção a Arnaldo, que começava a recuar, tremendo. Arrancou a arma das mãos do homem que o atacou. Entre os gritos de Seu Arnaldo e os guinchos selvagens de Dona Vanda, Seu Valdir começou a levantar de seu desmaio.

Eu assistia a tudo isso aterrorizado, sem conseguir mover um passo ou sequer raciocinar o que poderia fazer. Era isso, a doença havia chegado em nossa comunidade. Tantas perguntas, ofuscadas pelo horror que acabara de assistir. Não havia nada a ser feito. Estávamos condenados. Sem desgrudar os olhos da janela, vi Seu Valdir levantar, caminhar até a batalha que ocorria a alguns passos de distância e juntar-se a Vanda no ataque a Arnaldo, que falhou em se defender e desmaiou. Ou teria morrido? Valdir e Vanda pararam, levantaram-se, olharam o homem no chão e em seguida, farejaram o ar. Seus olhos correram pelo restante da ruela e eu me dei conta que estávamos todos assistindo pelas nossas janelas.

EXISTENCIA ASSISTIDA

V

Me afastei da janela assustado e me joguei no chão. Abracei minhas pernas e chorei. Passei algum tempo assim antes de ouvir uma batida na janela. Dona Maria havia jogado uma pedrinha para me chamar. Fui até ela, que sinalizou um bilhete, o prendeu no varal e começou a empurrar. O bilhete dizia que Seu Maurício recebeu novas mensagens de rádio. Um novo correspondente explicou que a fumaça que tomou conta do céu carregava esporos de um fungo desconhecido, que hordas de doentes estavam invadindo a cidade, prédio por prédio, e atacando os moradores.

Então era isso. Tentando erradicar as epidemias, o governo acabou provocando a pior delas. A ironia era cômica e eu ria, se não estivesse em choque pela cena que acabara de ver. Por isso também os drones nos deixaram, para defender a cidade. Por um momento, imaginei um cerco de doentes invadindo o centro e destruindo a imaculada vida dos moradores, e isso não pareceu tão ruim. Eu poderia chamar de justiça divina, se acreditasse nas religiões que tentaram nos empurrar. Vingança, até. Esse pensamento foi interrompido pela imagem do que aconteceria com a nossa vila, que seria devastada.

Pude ouvir um vidro se quebrando. Os três doentes agora estavam invadindo a casa de Dona Maria, que pela direção dos gritos, corria para o fundo da casa. Eu seria o próximo, mas esta constatação não me impediu de assistir com horror os três infectados cruzarem um a um a janela pela qual tinha contato visual com a casa de minha vizinha. Eu deveria fugir, mas para onde? Como? Precisava agir rápido. Graças às experiências com as pandemias anteriores, sabia que deveria usar máscara, luvas e óculos, além de proteger o máximo possível de pele exposta. Me vesti rapidamente, coloquei alguns dos meus poucos pertences, as migalhas de provisões que ainda tinha em uma mochila

EXISTÊNCIA ASSISTIDA

e rezei, se é que eu ainda acreditava em entidades divinas, para que a minha moto funcionasse. Corri para os fundos, acompanhado pelo olhar de Seu Geraldo, que quase como se adivinhasse meus pensamentos, correu para dentro de sua casa e voltou com uma pequena garrafa de gasolina, que me atirou. O recipiente estava quase vazio e despejei seu conteúdo no tanque da moto. Trêmulo e com o coração disparado, tive dificuldades para acertar a ignição. Girei a chave e o segundo mais longo da minha vida se passou. A moto engasgou, deu um solavanco, e apagou.

A bateria. Era difícil pensar ouvindo sua vizinha clamando pela própria vida. Olhei ao meu redor e senti minha cabeça ferver tentando encontrar uma forma de carregar a moto. Se não existissem barreiras físicas, talvez conseguisse com o gerador do Seu Geraldo. Será que ele havia me dado todo o resto de gasolina que tinha? Eu estava paralisado, ali, ao lado da moto, sem qualquer esperança, apenas esperando a minha vez de ser atacado. Lembrei do ferro velho do Seu Maurício. Se eu conseguisse correr até lá, ele deveria ter uma bateria que funcionasse. Se ele não tivesse, eu estaria condenado à morte. Continuei paralisado tentando calcular se conseguiria ir e voltar correndo, mas eu não tinha escolha. Era morrer ou morrer tentando. Peguei o capacete que estava pendurado no guidão da moto, coloquei-o, na tentativa de me proteger um pouco mais da ameaça, voltei à casa e peguei a maior faca que tinha, talvez precisasse dela. Respirei fundo e saí pela porta da frente.

Parei por um segundo. Há quanto tempo não fazia isso? Como se soubessem que havia alguém na rua, ouvi os guinchos daquelas criaturas se aproximando. Corri. Virei à esquerda, passei pelo que um dia havia sido a horta, sem tempo para lamentar e então virei à direita. Fui até à porta de Maurício e gritei. Logo, a porta se abriu e eu, me jogando para dentro, ofegante, pedi uma bateria de moto. Maurício me levantou do chão e me puxou para os fundos de sua casa. Enquanto eu recuperava o ar, o

EXISTENCIA ASSISTIDA

velho remexia nas pilhas de materiais usados e inutilizados. Depois de um tempo, virou para mim em lágrimas e falou que não tinha nenhuma bateria. Perguntei se ele tinha certeza e ele confirmou. Resolvi eu mesmo procurar. Avancei rapidamente entre as colunas de todo o tipo de equipamento velho, apreensivo e ainda ofegante, derrubando coisas pelo caminho. Realmente não havia nenhuma bateria. Corri meus olhos pelo lugar, calculando qual seria meu próximo passo. Atrás de um monte de carcaças de rádios, vi uma roda. Era uma bicicleta. Eu respirei fundo, em partes aliviado, em partes preocupado. Arranquei o lixo da frente e puxei o veículo. Conferi o freio e inspecionei os pneus, que estavam murchos. Maurício correu por entre as prateleiras e trouxe uma bomba de ar. Tomei o aparelho e mandei-o entrar em sua casa, pensando na exposição dele ao ar contaminado. Ele entrou, eu enchi os pneus, torcendo para que não estivessem furados, guardei a bomba na mochila e saí.

VI

Estava quase fora da vila quando me dei conta: com aquelas criaturas, eu voltaria – se é que conseguiria – para uma vila devastada. Eu precisava aniquilá-las antes. Pensei nos tiros disparados por Seu Arnaldo e na faca que eu carregava. Se nem os tiros pararam as criaturas, que sorte teria eu com uma faca? Mas eu precisava tentar. Se todos permanecessem em casa, longe do céu aberto, sobreviveriam, eu só precisava eliminar as criaturas. Freei agressivamente, mudando de direção e pedalei o mais rápido que pude até a quadra da minha casa. Os monstros estavam na porta de entrada do Seu Geraldo. Quando virei a esquina, eles perceberam e viraram em minha direção. Larguei a bicicleta no meio da rua, puxei a faca e fui em direção deles. Dona Vanda parecia mais forte que os outros dois e se aproximou mais rápido. Caminhei rapidamente até ela enquanto calculava onde iria atacar primeiro. Ela ain-

EXISTÊNCIA ASSISTIDA

da sangrava pelas balas que atingiram seu peito e ventre. Me perguntei, naquelas frações de segundo, se o jorro de sangue que brotaria de uma facada na jugular poderia estar infectado também. Antes de raciocinar qualquer outra coisa, vi minha faca entrando no olho da criatura que um dia foi Dona Vanda. Afundei minha arma em seu cérebro e girei. Isso pareceu funcionar e ela caiu no chão com um baque seco.

Arnaldo e Valdir pareceram sentir aquela morte e esticaram os braços para cima de mim. Afastei um deles com um pontapé enquanto acertava o outro no mesmo lugar em que ataquei a outra criatura. A faca escapou das minhas mãos enquanto o corpo caía e quando me atirei no chão para buscar a arma, senti um corpo pesado em cima de mim, pressionando meu capacete contra o chão. Não fosse o capacete, eu estaria morto ali mesmo. Consegui me virar, já com a faca de forma desajeitada em minhas mãos e atingi Arnaldo no ouvido, o que funcionou. Afastei o corpo de cima de mim, me recompus em pé e quis chorar. Respirei fundo o pouco ar seguro dentro do capacete e corri até a bicicleta.

A vila estava segura, a não ser que este encontro tivesse sido o suficiente para me contaminar com a doença. Torci para que não fosse o caso. Agora eu não precisava fugir, estávamos salvos. Mas até quando? Se eu estivesse contaminado, seria uma questão de tempo até a vila estar ameaçada denovo. Agora, fugir era minha única opção. Senti um aperto no peito de deixar tudo para trás e pensei nos riscos, mas agora minha presença era uma ameaça em potencial. Eu precisava correr.

Pedalei até a saída da vila. Até o centro da cidade mais perto, eram aproximadamente 20 quilômetros. No horizonte, via incêndios com labaredas altíssimas. Pensei em todas as outras vilas que não tinham tido a mesma sorte que a nossa e lamentei. Por outro lado, a claridade iluminava o caminho e precisei serrar os olhos. O asfalto velho e descuidado juntamente com a minha visão desajustada

EXISTENCIA ASSISTIDA

e o estado da bike me renderam alguns tombos e contratempos. Pedalei pelo que pareceram horas, cruzando eventualmente com outras criaturas como aquelas que havia matado. Tentaram me atacar algumas vezes, mas não eram muito rápidos e consegui desviar.

Um clarão branco se aproximava no horizonte, vindo da cidade. Senti raiva do conforto que tinham enquanto passávamos fome na vila. Logo um grande muro se ergueu na minha frente, mas não parei de pedalar até chegar a poucos metros da fortaleza. A cidade estava em perigo mesmo com essa separação absurda? Há quanto tempo este muro existia? Como o construíram se ninguém saía de casa? De quem estavam querendo se proteger, de nós ou das criaturas? Se a cidade estava ameaçada, como conseguiram transpor essa monstruosidade?

Minha raiva cresceu. Por meses fomos condenados à escassez mais intensa do que aquela a qual nos acostumamos, também causada pelo desprezo da cidade. Sem comida, sem água, sem luz, sem comunicação a não ser as mais precárias possíveis. Me dei conta de que estava parado em frente ao muro, de punhos serrados e respiração curta, completamente inebriado pelo ódio que se tornava um monstro por si só.

Por que eu queria entrar na cidade? Qual era meu objetivo? Lutar pela cidade? Não, eu não queria fazer isso. Eu estava mais inclinado a lutar contra a cidade, junto às criaturas. Lutar contra essa imensidão clara, hermética e isolada, cheia de drones e egoísmo. Foram eles que me trancaram em casa sem mantimentos por meses, por medo. Neste ponto eu não sabia se estava contaminado, e se estivesse, será que já teria me transformado? De repente, tudo pareceu se encaixar.

VII

Decidi contornar o muro e que se conseguisse entrar na cidade, eu iria destruir tudo o que pudesse. Lembrei

EXISTÊNCIA ASSISTIDA

do comportamento das criaturas que matei. Elas pareciam farejar o ar. Será que reconheciam as presas pelo cheiro? Se eu estivesse contaminado, já estaria transformado. Se não estivesse, tentaria me camuflar. Eu iria tentar. Com um punho cerrado e outro tateando o muro, virei à esquerda e segui. A bicicleta e a mochila deixei para trás. Não precisaria mais delas.

Perdi a noção do tempo caminhando, remoendo meu ódio por todo esse tempo rejeitado, isolado e desprezado. Quando uma criatura solitária cruzou meu caminho, já não me importava se estava ou não contaminado. Ataquei-a com toda a força e diversas vezes, até perder o fôlego. Dissequei parte da pele e arranquei o intestino da criatura, me vestindo com os restos. Quis vomitar de ódio e nojo, mas continuei na tarefa, decidido. Esfreguei o sangue dela no meu capacete fechado.

Mais à frente, cruzei com um grupo pequeno de criaturas, que não me perceberam ou tentaram me atacar. Minha camuflagem havia funcionado. Todas elas caminhavam para o mesmo lado, quase coordenadas. Me juntei ao grupo e o segui. Mais algum tempo se passou e pude ver luz atravessando o muro. Agora muito perto da luz, vi uma montanha de corpos empilhada, se debatendo por cima de uma abertura. Acharam uma brecha no muro. Meu sangue ferveu. Corri até a pilha de corpos, escalei-a com qualquer agilidade que me restava até atravessar a fortaleza.

Precisei parar um segundo, cegado pelas luzes da cidade. Havia uma rede de drones fornecendo luz externa, havia prédios enormes, todos brancos e iluminados. Havia áreas arborizadas, ainda que ninguém saísse na rua. Tudo branco, tudo iluminado, tudo limpo. Eu não via tanto concreto há tanto tempo. Nas grandes e largas avenidas que ainda existiam, milhares de criaturas caminhavam, parando nas grades dos prédios e de forma sincronizada, as derrubando. Portas de vidro quebrando, gritos vindos das janelas acima de mim. Drones militares atirando indiscriminadamente, tentando conter a multidão ameaçadora

EXISTENCIA ASSISTIDA

que crescia.

Me deti em uma das grades derrubadas e arranquei um bastão de metal. Me juntei às criaturas alguns metros a frente e ajudei a derrubar alguns drones que disparavam contra nós. Eu e as criaturas éramos parte da mesma unidade. Não sabia se elas raciocinava, mas eu certamente, cegado pelo ódio, não. Derrubamos a grade, quebramos a porta de vidro transparente que dava vista para um hall gigantesco, branco e imaculado. Destruí tudo que podia, cego de ódio. Encontrei o acesso para as escadas e prossegui da mesma forma em todos os halls de todos os andares. Entrava, abria espaço para as criaturas, quebrava tudo e partia para o próximo andar.

Pela vista da janela, eu deveria estar na metade dos andares quando meu disfarce começou a se esvaír. As criaturas começaram a ficar confusas e algumas tentavam me atacar, enquanto outras seguiam para as portas dos apartamentos. Prossegui com o meu ataque por mais três andares antes de começar a distrair por completo o restante da horda. Eu já não podia descer para fugir, então escolhi subir. Corri pelo restante dos andares, sem destruir nada em meu caminho. No fim das escadas, havia apenas uma porta, também de vidro, que revelava um terraço impecável. Branco, brilhante, iluminado, ajardinado. Era uma questão de tempo até ser morto ou pelas criaturas ou pelos drones militares ou pelo meu possível contágio. Eu poderia escolher e foi o que fiz. Sentei em um banco de mármore, retirei meu capacete sujo de sangue, luvas, máscara, óculos, jaqueta. Olhei para o céu iluminado pela rede de drones que permanecia intacta. Respirei fundo, esperando me contaminar.

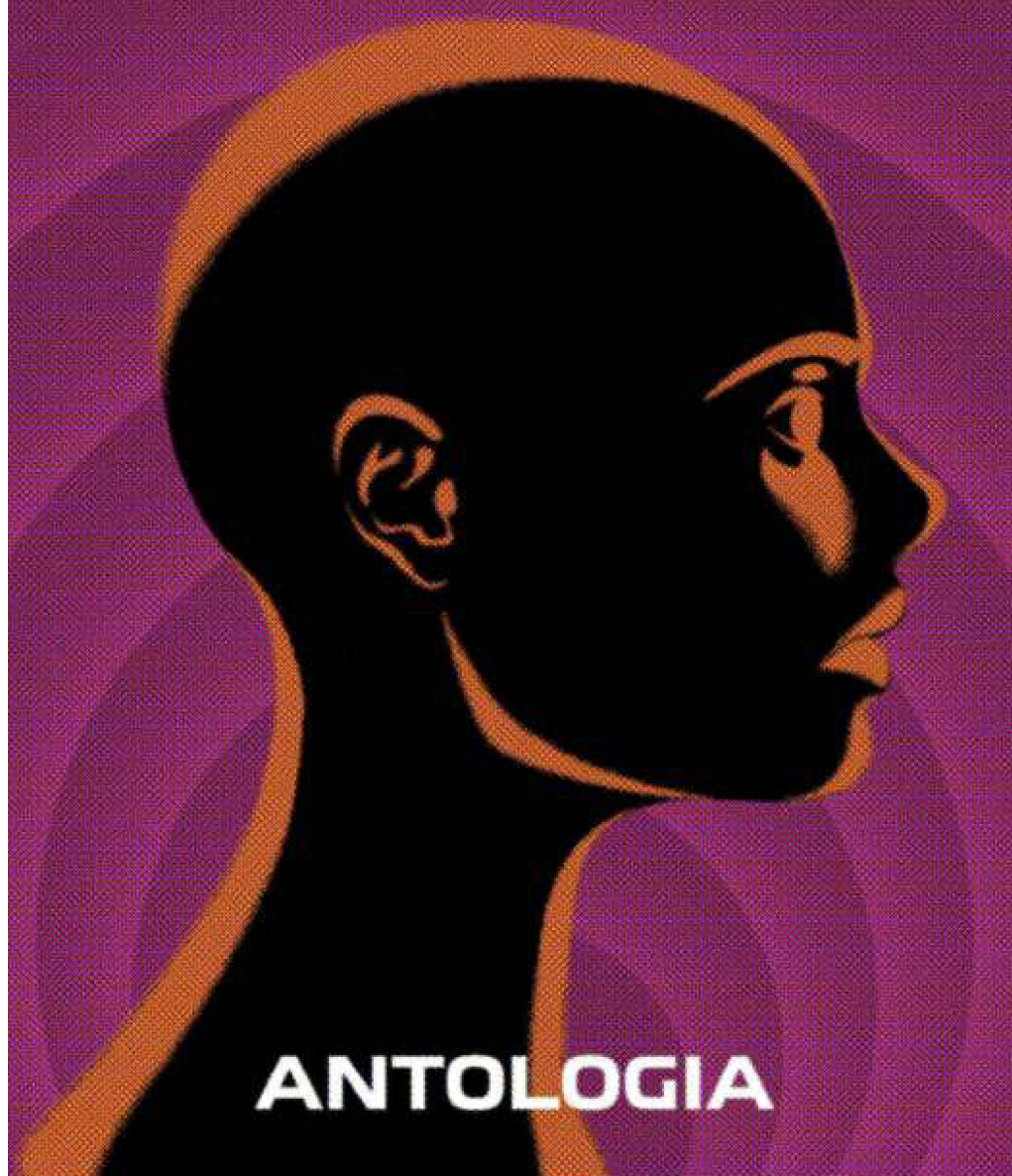
Meus sentidos começaram a se esvaír. Agora, prestando atenção, me sentia fraco, desidratado, com fome e cansado. Há quantos dias não dormia? Quantas horas haviam se passado desde que deixei a minha amada vila? Nada disso importava mais. Eu me tornaria uma daquelas criaturas ou seria morto por um tiro certo. Mas eu es-

EXISTÊNCIA ASSISTIDA

colhi meu final. Preso no topo de um prédio que nem em mil anos trabalhando eu teria acesso como morador. Eu era um invasor pois me fizeram assim. Essas pessoas, esse modo de vida. Rodeado pela vida que res senti por anos. Logo não via mais nada, mas por detrás das minhas pálpebras, ainda sentia a luz.

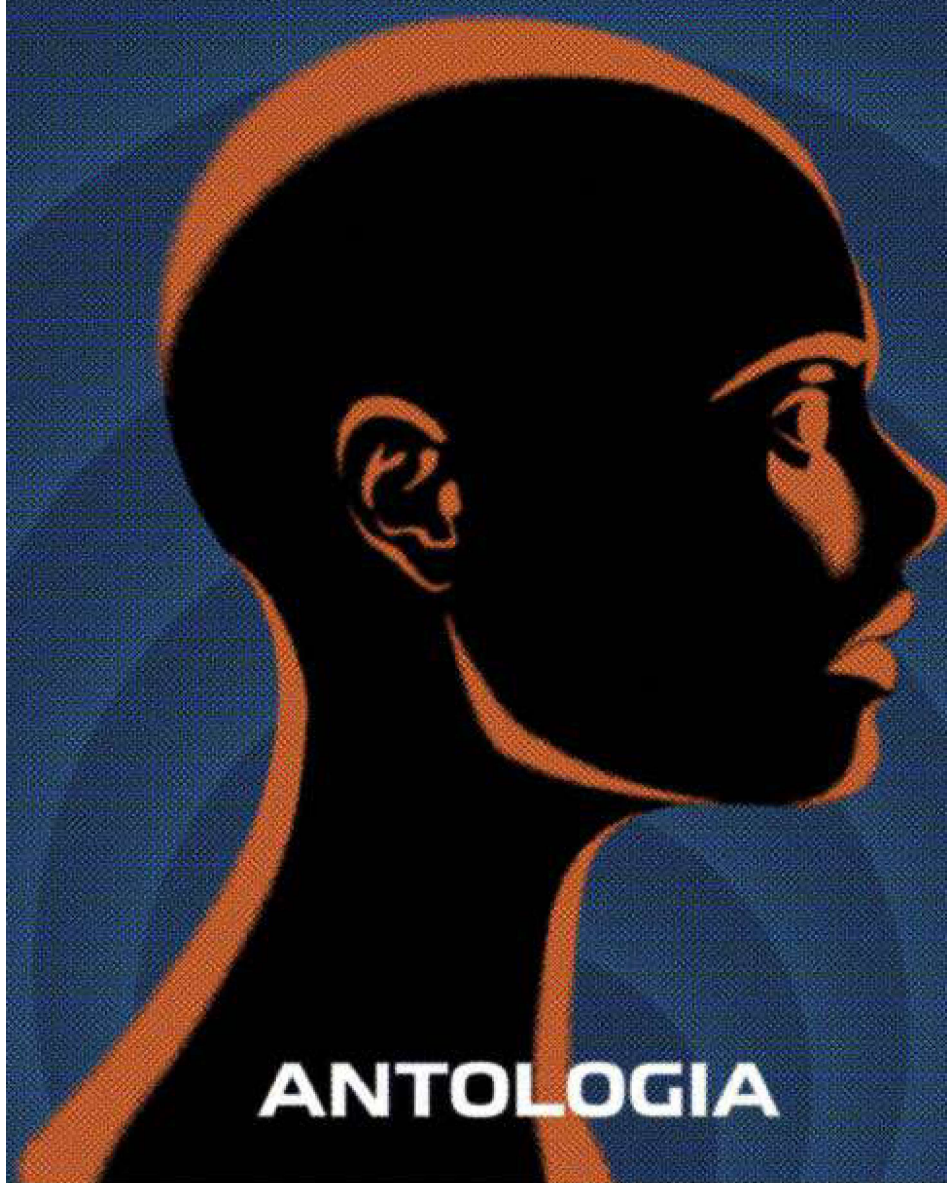
Foi ali que morri. Apesar de ter escolhido me contaminar, até isso foi tirado de mim. Entre os barulhos abaixo de mim, ouvi um ruído de motor e hélices que agora me era tão familiar se aproximando. Eu estava sozinho e fui um alvo fácil. Ouvi uma rajada de tiros e uma dor excruciante me consumiu. Tomei no banco. A vida que havia me sido negada durante toda a minha existência havia sido arrancada de mim.

EXISTÊNCIA ASSISTIDA



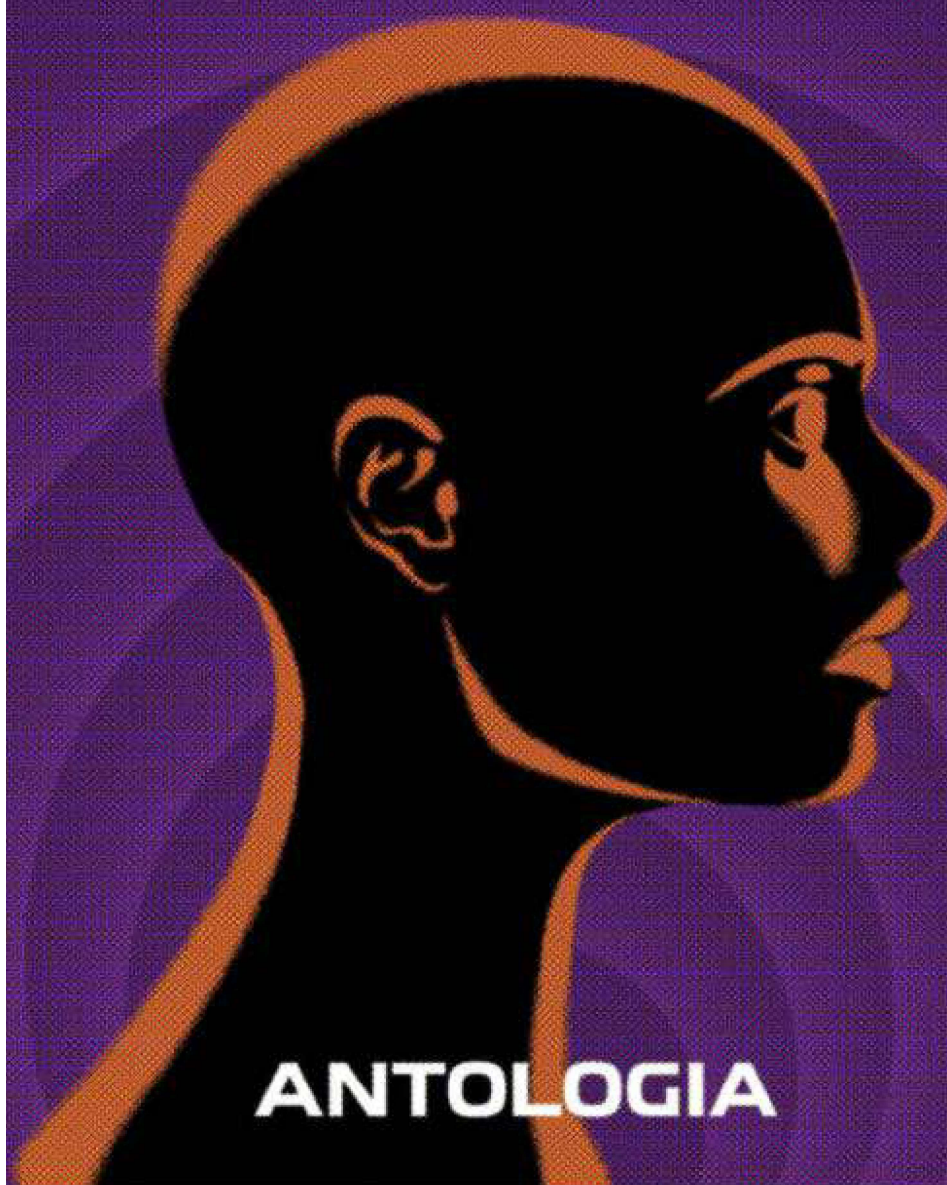
ANTOLOGIA

EXISTÊNCIA ASSISTIDA



ANTOLOGIA

EXISTÊNCIA ASSISTIDA



ANTOLOGIA

**EXISTENCIA
ASSISTIDA**

**UMA ANTOLOGIA
POR**

PEDRO CHIARANI

STEFANY SOHN STETTLER

DAVID EHRLICH

LUCAS PEREIRA GIOPPO

Arte de Capa: Paula Watanabe
Design da Capa: Paula Watanabe
Ilustração Interna: Ana Vitoria Dmengeon Dureck

Editor:
Luísa Druzik

Projeto gráfico:
Eduardo Perry

Curadoria:
Jonatas Cidreira

Revisão:
Lucas Pereira Gioppo

Diagramação:
Luísa Druzik

Essa é uma obra realizada para a disciplina de Projeto Gráfico e Editorial do curso de Jornalismo da UFPR. A orientação do projeto foi feita por José Carlos Fernandes e a idealização e realização é dos alunos Eduardo Perry, Jonatas Cidreira, Lucas Pereira Gioppo e Luísa Druzik. Todas as obras aqui contidas foram cedidas pelos autores para distribuição gratuita dentro do exemplar e os seus direitos pertencem a cada um de seus autores, devidamente creditados.

Todos os direitos reservados.

Curitiba, 30 de Junho de 2023.